

“Poesia Matemática”:

de Millôr Fernandes

DENOTAÇÃO X CONOTAÇÃO / PRODUÇÃO DO SENTIDO

Marcelo Chiaretto
Rosimary Alves Vieira

Resumo

A análise proposta procura explicar, ou mesmo desvendar toda a revolução linguística empreendida por Millôr Fernandes em "Poesia matemática". Através de processos como deslocamentos Se/So, busca de motivação (interna e externa) e de sentidos na (re)construção e/ou na migração dos signos e, conseqüentemente, através da mudança de planos de expressão do denotativo para o conotativo, o autor tece um texto amplamente elaborado, onde conceitos matemáticos se entrecruzam com conceitos de relações humanas e sociais. Deve-se considerar, por conseguinte, a "Poesia Matemática" como sendo a poética do exato para o abstrato. Uma flutuação do supostamente concreto para os confins da

imaginação do leitor, que se espanta e se exalta diante de tamanha revolução.

Résumé

L'analyse proposée cherche à expliquer, ou même à dévoiler toute la révolution linguistique faite par Millôr Fernandes dans "Poesia matemática". Travers les procédés de dislocations signifié/signification, de recherches de motivation (interne et externe) et de sens dans la (re)construction et/ou dans la migration des signes et, par conséquent, à travers le changement des plans d'expression du dénotatif au conotatif, l'auteur compose un texte très élaboré, où des concepts mathématiques s'entrecroisent avec des concepts des relations humaines et sociales. On doit considérer donc, la "Poesia Matemática" comme une poétique de l'exacte vers l'abstrait. Une fluctuation du soit disant concret aux limites de l'imagination du lecteur, que s'étonne et s'exalte devant une révolution pareille.

Pode-se dizer que a "Poesia Matemática" de Millôr Fernandes¹ estabelece uma verdadeira revolução lingüística. Através de deslocamentos Se/So, busca de motivação (interna e externa) e de sentidos na (re) construção e/ou na migração dos signos e, conseqüentemente, através da mudança de planos de expressão do denotativo para o conotativo, o autor tece um texto amplamente elaborado, onde conceitos matemáticos se entrecruzam com conceitos de relações humanas e sociais.

Vamos agora partir para a análise e exemplificação desses processos citados, e assim, explicitar, na medida do possível, as condições de produção do referido texto, buscando justificar alguns dos sentidos possíveis ora encontrados.

Os deslocamentos na relação Se/So dos signos no texto podem ser exemplificados de várias maneiras: o "Quociente" de "olhar inumerável" se apaixonou por uma "Incógnita", de "olhos rombóides, boca trapezóide, corpo octogonal, seios esferóides". Nesse trecho, e em outros, o autor estabelece deslocamentos objetivando criar o seu mundo humanamente matemático.

Quociente, no campo lexical da Matemática, nome do resultado de uma operação de divisão, se transforma numa figura

humana com sentimentos - este signo, no que tange ao seu Se e ao contexto (nível da significação), pode ser correlacionado com adjetivos como inconseqüente ("Quociente apaixonou-se/um dia/doidamente") ou consciente "Ele, Quociente, percebeu que com ela não formava mais um todo").

Já o signo *Incógnita*, que na Matemática é um resultado desconhecido, sofre o deslocamento Se/So e, através de uma clara motivação, passa a denominar a *Amada*, esta realmente incógnita (desconhecida), pois Quociente ainda não sabia nem mesmo o seu nome. Só mais tarde esse nome veio a ser conhecido: *Hipotenusa*. Interessante ressaltar que este signo é definido matematicamente pelo autor através da própria personagem Hipotenusa, valendo-se desse mecanismo para recuperar a pressuposição de um sentido naquele momento. Cabe ainda destacar que o referido signo possui um Se que remete o leitor a outros já consagrados nomes próprios como *Vanusa*, *Gerusa*, *Aretusa*, etc. Pertinente também é a combinação realizada pelo autor ao compor a descrição física da jovem amada. Os atributos femininos, culturalmente mais apreciados pelos homens (boca, olhos, corpo, seios), são realçados pela posposição de adjetivos, a priori matemáticos, mas que com sua sonoridade e exotismo acabam por reforçar o tom de sensualidade e sedução daqueles atributos.

Os deslocamentos prosseguem: Hipotenusa é vista, não dos pés à cabeça, e sim do "Ápice à base"; o casal se une para constituir não só um lar, mas uma "perpendicular" e convidam para padrinhos *Poliedro* e *Bissetriz*. Com relação a utilização destes últimos signos pode-se considerar o seu caráter motivado, ou seja, *Poliedro* faz lembrar *Pedro*, e *Bissetriz* lembra *Beatriz*. Ainda a respeito do signo *Bissetriz* pode-se salientar o ponto de interseção nos dois níveis de significado - no nível da Matemática, bissetriz significa uma reta que divide em partes iguais qualquer ângulo, e no nível social a madrinha de casamento também possui uma função de mediadora entre o casal.

Outro momento de deslocamento Se/So com motivação está no *triângulo amoroso* formado por Quociente, Hipotenusa e Máximo Divisor Comum. Entre tantas figuras geométricas e aritméticas inseridas no universo das relações humanas, o triângulo foi aquele que melhor se encaixou, pois trata-se de uma consagrada expressão anterior ao texto. Até mesmo o nome do futuro parceiro de Hipotenusa apresenta o seu caráter motivado: ele é o Máximo Divisor Comum. Máximo, além de funcionar na composição da expressão matemática, também é um conhecido nome próprio; Divisor reflete a ação do elemento ao separar o casal, e divide ainda o que é Comum, o que já virou monotonía.

Tem-se no texto vários exemplos de busca de sentido em nomes próprios e comuns, como os citados. Incógnita, Ápice à

Base e Máximo Divisor Comum. Mas há momentos em que tal busca é engendrada com resultados melhores: Quociente e Hipotenusa se amam e *traçam*, "ao sabor do momento e da paixão", *retas, curvas, círculos e linhas senoidais* (sugerindo um movimento matemático, harmonioso e sensual ao mesmo tempo); após o casamento, o casal não só faz *planos* como também *equações* e *diagramas* para o futuro; o Máximo é freqüentador de *círculos concêntricos*, oferece à Hipotenusa uma *Grandeza Absoluta* e consegue reduzi-la a um *Denominador-Comum*; etc. Em todos esses exemplos pode-se notar a tentativa do autor de dar sentidos a nomes aparentemente sem sentido ou a termos meramente matemáticos, ou mesmo, a tentativa de dar novo sentido a um signo, através de um processo de abrangência na sua referência. Note-se que os referentes aumentam, ao mesmo tempo em que os sentidos se renovam e se expandem.

Na denominação de Roland Barthes², pode-se dizer que "Poesia Matemática" é um texto *plural*. Seu aspecto conotativo é amplo, o que conduz a uma ampla participação do leitor. É importante salientar que todos os processos já citados e explicados (deslocamentos, motivação, busca de sentidos, abrangência de referentes) resultam na mudança do plano denotativo para o conotativo. Tudo isso contribui para a *polissemia* do texto. A denotação pura pode ser contínua, enquanto que a conotação é sempre errática e descontínua. Neste texto, certos trechos confirmam essa condição, como:

- Hipotenusa e Quociente, ao se falarem, descobriram que eram *primos-entre-si*, mas foi necessário que o autor interviesse para explicar que primos entre si é o que, em aritmética, corresponde a almas irmãs (essa definição foi importante para enviar o texto novamente para o plano conotativo). Deve-se destacar que a expressão "primos entre si" também pode ser utilizada na linguagem corrente;

- Quociente e Hipotenusa resolvem se casar e constituir um *lar*; novamente, faz-se necessária a intervenção do autor para deslocar o texto para o plano conotativo, então ele diz: mais que um *lar*, vão constituir uma *perpendicular*;

- Máximo Divisor Comum freqüente Círculos Concêntricos, e o autor acrescenta, providencialmente: *viciosos*.

"Poesia Matemática" é portanto a poética do exato para o abstrato. É a flutuação do supostamente concreto para os confins da imaginação do leitor, que se espanta e se exalta diante de tamanha revolução. Afinal, como diria o próprio Barthes, "as palavras cumpriram seu papel. As palavras nunca são loucas - no máximo perversas"...(In *Fragmentos de um discurso amoroso*).

Referências Bibliográficas

1. FERNANDES, Millôr. *Trinta Anos de Mim Mesmo*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1972.
2. BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 93-99.

Poesia Matemática

Millôr Fernandes

Às folhas tantas
Do livro matemático
Um Quociente apaixonou-se
Um dia
Doidamente
Por uma Incógnita.
Olhou-a com seu olhar inumerável
E viu-a, do Ápice à Base,
Uma Figura ímpar;
Olhos rombóides, boca trapezóide,
Corpo octogonal, seios esferóides.
Fez da sua
Uma vida
Paralela à dela
Até que se encontraram
No infinito.
"Quem és tu?, indagou ele
Com ânsia radical.
"Sou a soma do quadrado dos catetos.
Mas pode me chamar de Hipotenusa."
E de falarem descobriram que eram
- O que, em aritmética, corresponde
A almas irmãs -
Primos-entre-si.
E assim se amaram
Ao quadrado da velocidade da luz
Numa sexta potenciação
Traçando
Ao sabor do momento
E da paixão

Retas, curvas, círculos e linhas senoidais.
Escandalizaram os ortodoxos das fórmulas euclidianas
E os exegetas do Universo Finito.
Romperam convenções newtonianas e pitagóricas.
E, enfim, resolveram se casar
Constituir um lar.
Mais que um lar,
Uma perpendicular.
Convidaram para padrinhos
O Poliedro e a Bissetriz.
E fizeram planos, equações e diagramas para o futuro
Sonhando com uma felicidade
Integral
E diferencial.
E se casaram e tiveram uma secante e três cones
Muito engraçadinhos.
E foram felizes
Até aquele dia
Em que tudo, afinal,
Vira monotonia.
Foi então que surgiu
O Máximo Divisor Comum
Frequentador de Círculos Concêntricos.
Viciosos
Ofereceu-lhe, a ela,
Uma Grandeza Absoluta,
E reduziu-a a um Denominador Comum.
Ele, Quociente, percebeu
Que com ela não formava mais Um Todo,
Uma Unidade. Era o triângulo,
Tanto chamado amoroso.
Desse problema ele era a fração
Mais ordinária
Mas foi então que Einstein descobriu a Relatividade
E tudo que era espúrio passou a ser
Moralidade
Como, aliás, em qualquer
Sociedade.